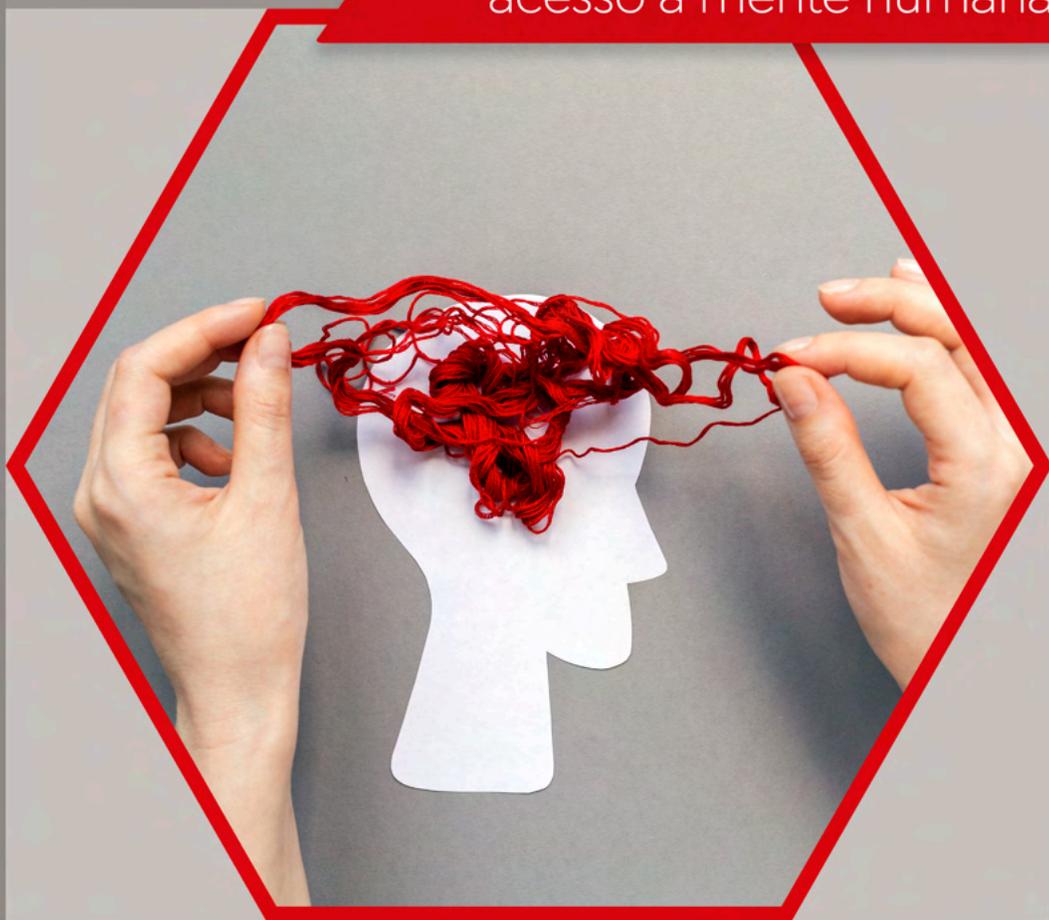


Psicologia:

Técnicas e instrumentos de
acesso à mente humana

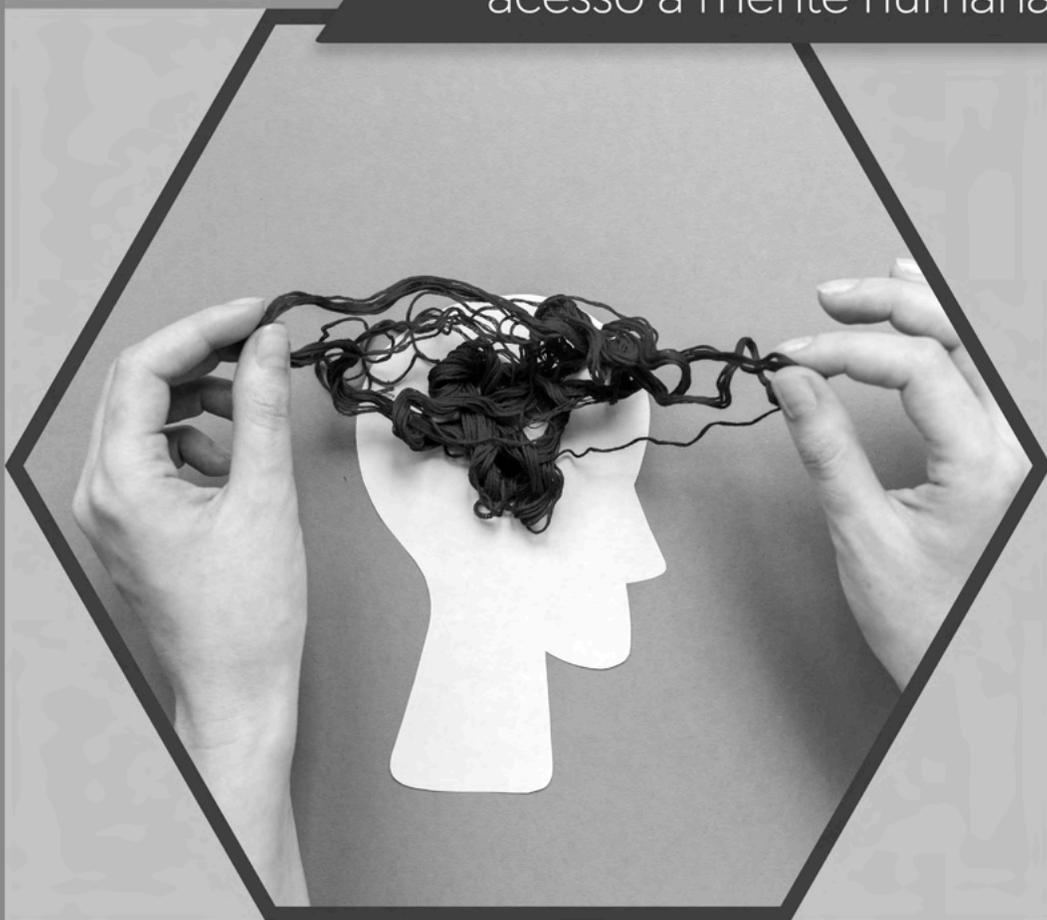


Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2022

Psicologia:

Técnicas e instrumentos de
acesso à mente humana



Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Psicologia: técnicas e instrumentos de acesso à mente humana

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Bruno Oliveira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P974 Psicologia: técnicas e instrumentos de acesso à mente humana / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-911-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.117220703>

1. Psicologia. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 150

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A coletânea *Psicologia: Técnicas e instrumentos de acesso à mente humana*, reúne neste volume dezoito artigos que abordam algumas das possibilidades metodológicas do saber psicológico.

Ao longo da história da humanidade várias tentativas foram feitas em torno da discussão sobre a mente humana. Dos humores na Grécia, da Consciência no Iluminismo, ao inconsciente na modernidade, várias são as influências que a Psicologia herda para se tratar no psiquismo humano.

Com tantas influências, o que podemos esperar é uma grande variedade de visões sobre o humano, o que concorda com a própria diversidade subjetiva, em se tratando de personalidades humanas.

Essa Coletânea apresenta algumas dessas visões, a partir da concepção psicanalítica, cognitiva-comportamental, terapia familiar, social, entre outras perspectivas.

Espero que pela leitura dos textos que se seguem, uma abertura crítica sobre a diversidade das possibilidades de uma leitura psicológica surja para cada leitor.

Uma boa leitura a todos!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A LÓGICA DO INCONSCIENTE NO NÓ BORROMEU

Ivanisa Teitelroit Martins

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1172207031>

CAPÍTULO 2..... 7

CONVERSÇÕES NA ESCOLA E A CLÍNICA PSICANALÍTICA

Claudio Ramos Peixoto

Joyce de Paula e Silva

Shala de Souza Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1172207032>

CAPÍTULO 3..... 18

TRAUMA, VULNERABILIDADE E MEMÓRIA: CAMINHOS PARA UMA RESIGNIFICAÇÃO

Sonia Maria Gomes Siulva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1172207033>

CAPÍTULO 4..... 32

COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA IMPLANTAÇÃO EM UMA ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL

Maria de Fátima de Jesus Miranda

Alessandro Miranda Coelho

Leuzete Sousa de Oliveira Miranda Coelho

Gracimary de Jesus Godinho Bastos

Antonio Luis Nunes Bastos

Luzimary de Jesus Ferreira Godinho Rocha

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1172207034>

CAPÍTULO 5..... 46

TRANSTORNOS MENTAIS COMUNS E ADOLESCÊNCIA: O SOFRIMENTO INVISIBILIZADO

Kamila Andressa Rabuske

Amanda Angonese Sebben

William Gemelli

Naiana Priscila Kessler Amancio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1172207035>

CAPÍTULO 6..... 55

TRANSTORNO DE ANSIEDADE SOCIAL EM ADOLESCENTES

Eliza Regina Guilhem Gentilin

Mara Ilce Lopes Bedendo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1172207036>

CAPÍTULO 7.....	60
RELACIONAMIENTO ABUSIVO: O CICLO DE APRISIONAMENTO E DEPENDENCIA EMOCIONAL	
Viviane Soares Carvalho Talita Maria Machado de Freitas	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1172207037	
CAPÍTULO 8.....	70
PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS DE LAS DOCENTES QUE PROMUEVEN VOCACIONES CIENTÍFICAS EN LAS ESTUDIANTES	
Alba Esperanza García López Pamela Viñas Lezama	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1172207038	
CAPÍTULO 9.....	80
A TERAPIA COGNITIVA COMPORTAMENTAL: IDENTIFICAÇÃO DAS CRENÇAS, PENSAMENTOS AUTOMÁTICOS E O ESTABELECIMENTO DA ALIANÇA TERAPÊUTICA	
Paulo Tadeu Ferreira Teixeira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1172207039	
CAPÍTULO 10.....	95
CONVERSACIONES DE SESIÓN ÚNICA ANTE EL SUICIDIO	
María Luisa Plasencia Vilchis Luz de Lourdes Eguiluz	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.11722070310	
CAPÍTULO 11.....	105
PROCESOS INTERDISCIPLINARIOS EN LA FORMACIÓN DE TERAPEUTAS FAMILIARES	
Martha Elena Silva Pertuz	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.11722070311	
CAPÍTULO 12.....	123
A IMPORTÂNCIA DA REDE SECUNDÁRIA NA TERAPIA FAMILIAR E NO PROCESSO DE MUDANÇA PARA AS FAMÍLIAS	
Cristina Cruz Goreti Mendes Helena Ventura Sofia Ferreira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.11722070312	
CAPÍTULO 13.....	131
PROGRAMA DE TUTORÍAS: OPINIÓN DE ESTUDIANTES Y TUTORES DE LA CARRERA DE PSICOLOGÍA	
Irma Rosa Alvarado Guerrero Ana Elena Del Bosque Fuentes María Luisa Cepeda Islas	

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11722070313>

CAPÍTULO 14..... 144

**A IMPORTÂNCIA DA ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA COM MOVIMENTOS SOCIAIS:
REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA**

Anderson dos Santos Furtado
Camilly Aline Mesquita Rodrigues
Janilce Guiomar Pinto
Jéssica Almeida Cruz
Ingrid Larissa Pinheiro da Silva
Karlene Souza dos Santos Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11722070314>

CAPÍTULO 15..... 155

ATUAÇÃO DO PSICOLOGO NO CAPS-AD: REFLEXOS NA GESTÃO DA SAÚDE MENTAL

Enio Dioquene Luiz Filho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11722070315>

CAPÍTULO 16..... 168

**ENTREVISTA MOTIVACIONAL NO TRATAMENTO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS
NO CAPS-AD, BAGÉ-RS**

Enio Dioquene Luiz Filho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11722070316>

CAPÍTULO 17..... 176

**TRANSBORDAMENTO DE VIDA ANTE A FINITUDE: A CLÍNICA PSICOLÓGICA NA
ASSISTÊNCIA A PORTADORES DE DOENÇAS CRÔNICAS IRREVERSÍVEIS**

Danielle de Andrade Pitanga
Margarida Maria Florêncio Dantas
Gilclécia Oliveira Lourenço
Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11722070317>

CAPÍTULO 18..... 189

**A IMPORTÂNCIA DA ROTINA NO DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM E
COMUNICAÇÃO DO ALUNO COM TEA**

Sara Alves Oliveira e Silva
Ezequiel Martins Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11722070318>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 203

ÍNDICE REMISSIVO..... 204

TRANSTORNOS MENTAIS COMUNS E ADOLESCÊNCIA: O SOFRIMENTO INVISIBILIZADO

Data de aceite: 01/03/2022

Data de submissão: 08/01/2022

Kamila Andressa Rabuske

Universidade do Oeste de Santa Catarina –
UNOESC
Pinhalzinho – Santa Catarina
<http://lattes.cnpq.br/6507397036195344>

Amanda Angonese Sebben

Universidade do Oeste de Santa Catarina –
UNOESC
São Miguel do Oeste – Santa Catarina
<http://lattes.cnpq.br/0379750227034360>

Willian Gemelli

Universidade do Oeste de Santa Catarina –
UNOESC
Pinhalzinho – Santa Catarina
<http://lattes.cnpq.br/8662582430605395>

Naiana Priscila Kessler Amancio

Universidade do Oeste de Santa Catarina –
UNOESC
Pinhalzinho – Santa Catarina
<http://lattes.cnpq.br/0395247005994148>

Artigo derivado de pesquisa aprovada no Edital 60/Unoesc-R/2019 (Art. 170), da Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC.

RESUMO: Observa-se anualmente um crescimento progressivo da incidência de Transtornos Mentais Comuns (TMC), sendo sobretudo diagnosticados mais frequentemente

em adolescentes, com predomínio do sexo feminino. Nesta conjuntura, este artigo trata-se de um recorte de uma pesquisa abrangente, que objetivou compreender os sintomas de TMC em adolescentes de escolas públicas e a percepção destes sobre o tema. Neste recorte foram abordados os resultados obtidos através da realização de sete grupos focais, com a participação de aproximadamente 40 adolescentes de quatro escolas estaduais, de turmas do primeiro ano do ensino médio, com idades entre 15 a 17 anos. A partir dos conteúdos surgidos nos grupos, utilizou-se a análise de conteúdo de Minayo para análise dos dados, resultando em duas categorias de análise: relações familiares e relações escolares. Identificou-se em todos os grupos, discursos indiciando que a dificuldade no relacionamento com os familiares apresenta-se como fator relevante para o adoecimento psíquico. No que concerne a relações escolares, identificou-se *bullying*, exercido entre colegas e, até mesmo por docentes; e dificuldade de as instituições escolares reconhecerem, acolherem e manejarem o sofrimento psíquico dos estudantes como principais fatores que contribuem para o adoecimento destes. Considera-se necessário que os profissionais da área da saúde mental, gestores e sociedade, se atentem para a existência de TMC nesse grupo etário, e realizem, de forma conjunta com a escola, família, e demais instituições, formas de promoção, proteção e recuperação de saúde mental no ambiente escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Escola. Adolescentes. Transtornos mentais comuns. Bullying.

Adoecimento psíquico.

COMMON MENTAL DISORDERS AND ADOLESCENCE: THE INVISIBLE SUFFERING

ABSTRACT: Anually, there is a progressive increase in the incidence of Common Mental Disorders (TMC), which are diagnosed more frequently in adolescents, with a predominance of females. In this context, this article is an excerpt from a comprehensive research, which aimed to understand the symptoms of TMC in adolescents from public schools and their perception of the subject. In this excerpt, the results obtained through the realization of seven focus groups were addressed, with the participation of approximately 40 adolescents from four state schools, from classes in the first year of high school, aged between 15 and 17 years. From the contents that emerged in the groups, Minayo's content analysis was used for data analysis, resulting in two categories of analysis: family relationships and school relationships. It was identified in all groups, speeches indicating that the difficulty in the relationship with family members presents itself as a relevant factor for mental illness. With regard to school relationships, bullying was identified, carried out between colleagues and even by teachers; and difficulty for school institutions to recognize, welcome and manage the psychological suffering of students as the main factors that contribute to their illness. It is considered necessary that mental health professionals, managers and society, pay attention to the existence of TMC in this age group, and carry out, together with the school, family, and other institutions, forms of promotion, protection and mental health recovery in the school environment.

KEYWORDS: School. Teenagers. Common mental disorders. Bullying. Psychic illness.

1 | INTRODUÇÃO

Transtornos mentais comuns (TMC), ou Transtornos Mentais Menores, é uma expressão cunhada por Goldberg e Ruxley. Também conhecidos como Transtornos Mentais Não Psicóticos, essa categoria monográfica refere-se a quadros de transtornos mentais mais frequentes e menos grave. Podem ser exemplificados como queixas somáticas, irritabilidade, fadiga, dificuldade em tomar decisões e em manter a concentração (LUDERMIR, MELLO FILHO, 2002, p. 213- 220; ANSOLIN et al, 2015). Esses transtornos também podem ser descritos como aquelas intercorrências de ordem psicológica que não atendem a todos os critérios diagnósticos, como aqueles encontrados no Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM), ou na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID).

Por outro lado, Fonseca, Guimarães e Vasconcelos (2008, grifo nosso), apontam que o conceito de TMC, referindo-se ao nervosismo, dores no corpo e na cabeça, insônia e queixas somáticas inespecíficas, é bastante criticado. Isso porque tal conceito poderia estar a serviço de uma medicalização e “psiquiatrização” da vida, à medida que tornam queixas comuns como algo passível de investigação. Os mesmos autores contrapõem essa visão afirmando que esse conceito pode ser útil para além da perspectiva medicalizante,

isso porque permite que se pesquise e investigue uma determinada forma de manifestação de sofrimento, tornando possível, então, relacionar esses estudos a características sociodemográficas.

Já em relação aos TMCs no período da adolescência, a alta incidência desses transtornos se mantém ainda mais expressiva quando relacionada ao público feminino. O que leva Lopes et al (2016) a defender que os estudos sobre esse contexto na adolescência são a pedra angular para a promoção de cuidado e prevenção em relação a saúde mental. Nesse sentido, a Organização Mundial da Saúde (OMS), divulgou em 2018, que um em cada cinco jovens enfrenta algum problema de saúde mental, sendo que, a maioria das patologias nesse público, iniciam-se em torno dos 14 anos de idade. A OMS ainda ressalta que a maioria desses transtornos sequer é diagnosticada, quiçá tratada. O que, por sua vez, pode ocasionar perdas na qualidade de vida e no desempenho escolar, facilitando, por sua vez, o surgimento de comportamentos de risco, como o uso abusivo de álcool e outras drogas, a prática de sexo desprotegido e/ou condução de veículos de maneira perigosa. Esse órgão também esclarece que, dentre os transtornos comuns a essa faixa etária, o mais frequente é a depressão, o que contribui para que o suicídio seja a segunda maior causa de morte entre o público de 15 a 29 anos (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2018).

Em meio a tudo isso, não podemos deixar de olhar para a adolescência em si, com todas as características e mudanças que suscita, tão culturalmente famigerada pelos conflitos intergeracionais que gera. A visão pejorativa do público adulto para com a adolescência dita o tom pelo qual serão tratados os sofrimentos desse público. Nesse sentido, a presente pesquisa é uma proposta de atenção à saúde mental do público adolescente. Para tanto, a investigação da qual resultou esse artigo, teve como foco a incidência de TMCs em adolescentes, mantendo-se atenta à percepção de adolescentes em relação ao que sentem, o que se deu através de grupos focais.

O ambiente escolhido para a realização desse estudo foi a escola. Isso porque escola e família são os primeiros grupos nos quais ocorre a socialização humana. Além disso, considera-se que a escola exerce papel central na vida desse público (adolescentes). Nesse sentido, para Marriel et al (2006) a escola é um universo próprio, onde ocorre (ou não) o desenvolvimento pessoal dos indivíduos, a constituição da cidadania e a formação de opiniões. Ademais, Njaine e Minayo (2003) afirmam que é papel da escola fomentar debates sobre as problemáticas que afligem a humanidade e sobre o cotidiano dos indivíduos. Segundo as autoras, a escola, juntamente com a família, como local de promoção de inserção social, é historicamente percebida como espaço privilegiado para a mediação e a prevenção a violências.

2 | MÉTODO

Este artigo foi construído a partir de um recorte de uma pesquisa maior, realizada com o uso de dois diferentes métodos de coleta e interpretação de dados utilizados, com o objetivo de uma maior abrangência aos dados coletados. Dessa forma, a etapa quantitativa, pela qual a coleta de dados se iniciou, recorreu a uma linguagem matemática e a objetividade dos dados. O método utilizado na etapa subsequente foi o qualitativo, que se ocupou dos significados, motivações, e aspectos profundos das relações humanas, que forneceu os dados que iremos discutir neste estudo (MINAYO, DESLANDES, NETO, 2002).

Para tanto, aplicou-se inicialmente o instrumento SRQ-20 (*Self-Reporting Questionnaire*) em estudantes de quatro escolas públicas estaduais de dois municípios da região Extremo Oeste de Santa Catarina (com a anuência da Gerencia Regional de Educação, oficializada através do Declaração de Instituição Coparticipante), entre 15 e 17 anos, que estavam cursando o primeiro ano do ensino médio no ano de 2019. A partir dos resultados do questionário, o SRQ-20 tornou possível uma triagem dos participantes da pesquisa para que só aqueles que apresentassem sintomas de TMCs em algum grau (sem diagnóstico prévio, identificado apenas pelas respostas ao questionário), participassem da etapa seguinte, na qual realizaram-se pequenos grupos focais, com o objetivo de compreender as percepções dos próprios adolescentes sobre seus sofrimentos.

Optou-se pela realização dos grupos focais por considerá-los como uma eficiente maneira de abranger um número maior de participantes, possibilitando o momento de compartilhar suas experiências. (ROSA, 2011) Os participantes foram divididos em grupos segundo a conveniência destes, sendo que o principal público era do sexo feminino, totalizando na realização de sete grupos focais, com a colaboração de em torno de 40 participantes. A partir dessas discussões utilizou-se a análise de conteúdo de Minayo (2002). Esse método de análise se constitui por três diferentes etapas: fase exploratória da pesquisa, trabalho de campo e tratamento do material.

Vale destacar que, por se tratar de um público com menos de 18 anos, também foi necessário que todos os participantes apresentassem o Termo de Assentimento e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinados pelos responsáveis e pelos próprios adolescentes. Ressalta-se que esta pesquisa possui parecer favorável pelo Comitê de Ética e Pesquisa, sob o parecer de número 3.676.856 e CAAE 23419219.6.0000.5367, com data de aprovação em 01 de novembro de 2019.

3 | APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir da realização dos grupos focais, bem como seleção dos materiais compartilhados pelos adolescentes, foram delimitadas duas categorias de análise: sobre as relações familiares e as relações escolares.

Na categoria de **relações familiares** é possível vincular muitas falas dos adolescentes

no sentido de não sentirem que possuem sua individualidade e principalmente sua privacidade respeitada pelos pais, o que por sua vez é fonte de conflitos intergeracionais. Nas falas dos adolescentes fez-se visível suas queixas em relação aos pais não permitirem que eles fiquem no quarto enquanto o restante da família interage, como que em uma tentativa de que os adolescentes não se isolem ou demonstrem comportamentos depressivos, de acordo com a percepção dos jovens a partir de falas de seus pais.

Nesse sentido fica evidente a tentativa de controle do corpo adolescente, que é submetido a norma “adultocêntrica”. Foucault (1999) nos fala sobre o “poder sobre a vida” perpassando o corpo desses adolescentes, tornando-os úteis e previsíveis, buscando adequá-los a normas de controle e de governo. Produz-se assim a subjetividade adolescente.

Entretantes, surgem dessa tentativa de assujeitamento para com o adolescente, as conflitivas intergeracionais, e o adolescente se rebela como uma forma de resistência. Surge, assim, o que é chamado por Aberastury e Knobel (1981) como adolescência normal. Segundo os autores, nessa fase o adolescente carrega traços de uma personalidade antissocial, a medida que questiona e/ou subverte as regras socialmente aceitas e busca afastar-se de seus pais, aproximando-se, assim, dos amigos integrantes dos grupos dos quais pertence.

Outro relato de fundamental importância apresentado pelos adolescentes diz respeito a dificuldade de diálogo intergeracional. Assuntos como sentimentos, sexualidade, desempenho escolar, são tratados como tabus, impedido uma troca de informações saudável ou até mesmo atuando como estopins para conflitos. Em relação a essa falta de diálogo, os adolescentes defendem seu lado afirmando que os responsáveis “*não nos entendem*”. De acordo com Pratta e Santos (2007), a falta de diálogo no ambiente familiar acentua dificuldades e, pode afetar, inclusive, o bem-estar e a saúde psíquica dos adolescentes.

Também chama atenção os adolescentes citarem a influência dos conflitos conjugais entre os responsáveis por eles, afetar em sua saúde mental. Com os conflitos familiares, os adolescentes afirmam surgir uma sequência de acontecimentos que são potenciais causadores de sofrimento. Como por exemplo, o conflito familiar influencia negativamente no desempenho escolar, que por sua vez resulta em conflitos familiares, e assim o ciclo continua.

Cabe destacar que separação conflituosa dos pais, abandono afetivo, desvalorização ou rejeição por parte da família, depressão de um ou de ambos os pais, uso de drogas, violência familiar, e relações familiares disfuncionais, são fatores de risco para o surgimento de comportamentos autolesivos. Além disso, outros fatores que podem perpassar o ambiente familiar, como violência intrafamiliar (negligência; maus tratos; abusos físicos, sexuais, e psicológicos;), estresse precoce, dentre outros, também acabam por favorecer esses comportamentos, assim como contribuir para o surgimento dos próprios TMCs, já abordados anteriormente. (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2019)

Um ponto importante a ser destacado é que em todos os grupos focais ouvidos, em todas as quatro escolas, surgiram queixas apontando para as relações familiares como causa de sofrimento mental.

Já a respeito das **relações escolares** foi possível identificar o *bullying* como algo frequente na vida desses adolescentes. O que mais chama a atenção nesses casos é que alguns adolescentes relataram que o *bullying* parte dos próprios professores. Em uma das escolas pesquisadas, um dos grupos focais afirmou que, quando algum estudante tinha demandas de cunho emocional, como crises de ansiedade ou de choro, os docentes faziam chacota ou rechaçavam quem estivesse nessa situação.

Em relação aos efeitos psicológicos do *bullying*, Souza (2019), utilizando-se da teoria de Freud, indica que esse processo pode resultar em traumas, isso porque a vítima apresenta-se sem meios de defesa frente a agressão. Isso equivale a dizer que o *bullying* deixa marcas, tanto emocionais quanto psicológicas. Dessa forma, estudar, projetar formas de combater o *bullying* nas escolas é indispensável. Para tanto, pode-se abandonar o comodismo dos cartazes (em sua grande maioria, ignorados pelos adolescentes), e almejar práticas efetivas, como grupos reflexivos com crianças e adolescentes, por exemplo. O combate ao *bullying*, com toda certeza, deve considerar a opinião dos adolescentes sobre o assunto possibilitando, então, com que as práticas e intervenções sejam efetivas e, antes de tudo, inclusivas.

Por outro lado, em outra escola pesquisada, os estudantes relataram que, quando surgiam casos de crises de ansiedade, episódios de choro descontrolado ou até mesmo de autolesão, a coordenação da escola se organizava para dar suporte a esses adolescentes. Esse suporte se dava por meio de acolhimentos e/ou de encaminhamentos para serviços de atendimentos psicológicos. Segundo Carvalho et. al (2011), o ambiente escolar torna-se um lugar relevante para o desenvolvimento de ações de promoção à saúde, uma vez que permite atingir muitas pessoas, mas também porque ações nas escolas demonstram ser eficazes e eficientes.

O suporte psicológico ou emocional se faz importante à medida que oferece outras formas de lidar com a dor ou com o sofrimento, que não seja se isolando ou se autodepreciando. Todavia, a oferta desse suporte que, ressaltando, só foi observada em uma das escolas participantes, esbarra em muitos empecilhos. O primeiro deles é o despreparo de professores e orientadores em realizar o acolhimento inicial dessas demandas e o encaminhamento para atendimento especializado. Outra dificuldade para o alcance desse suporte é a sobrecarga dos setores de atendimento psicológicos públicos, com longas filas de espera, em sua grande maioria, e poucos profissionais disponíveis. Isso equivale a pensarmos que as políticas públicas voltadas à saúde mental ainda precisam crescer e evoluir, em toda sua estrutura, para atingir toda a demanda que a elas recorrem.

Os grupos focais, em sua maioria, apresentaram um denominador comum: a autolesão na escola. Seja por demandas emocionais, seja por influência de colegas,

muitos adolescentes utilizam o espaço da escola para se cortar. Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (2019) a autolesão sem ideação suicida (ALNS) está associada a uma disfunção neuroquímica referente a endorfina. Esse neurotransmissor é liberado quando ocorrem danos corporais, em um processo chamado analgesia opiácea natural. Dessa forma, a ALNS possibilita que o sofrimento psíquico seja substituído pela dor física, atenuada pelo efeito da endorfina, causando um alívio temporário.

O uso do termo autolesão, e não automutilação, justifica-se pela teorização de vários autores que indicam a utilização de automutilação apenas em casos em que ocorrem danos irreversíveis, como uma amputação. Tais mutilações em geral ocorrem em quadros psicóticos, ou por intoxicação por psicoativos (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2019).

Bakken e Gunter (2012, apud TARDIVO et al, 2019) apontam para a alta incidência de autolesão em adolescentes que frequentam o ensino médio. Sendo em sua maioria meninas. Ademais, os autores estabelecem uma relação entre a autolesão e a ideação suicida, mesmo que esta seja inconsciente. Fica evidente a relação entre a autolesão e a presença de decréscimo de energia vital e um estado depressivo. O que, por sua vez, pode indicar a presença de TMCs. Isso, é claro, quando o quadro apresentado pelos adolescentes não pode ser diagnosticado a partir dos critérios do DSM-V ou da CID-10.

Assim como os estudos em torno dos comportamentos autolesivos (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2019; TARDIVO et al, 2019; SANTOS, et al, 2018), a presente pesquisa pode constatar a necessidade de intervenção nestes casos. Seja para mitigar esse comportamento, seja para impedir que surjam consequências danosas. Além disso, a prevenção, tanto da autolesão, quanto do surgimento de TMCs relaciona-se com a manutenção da saúde mental dos adolescentes, sendo que, para isso, a escola e a família se mostram como grupos potencialmente protetores, ou agressores, dependendo das interações neles perpetuadas.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ficou evidente, no decorrer de toda a pesquisa, que a escola e a família exercem um papel central na vida dos adolescentes. Como eles são tratados nesses ambientes podem refletir em comportamentos adaptativos ou de risco. A necessidade de preservação da saúde mental, a importância do diálogo e do estabelecimento de limites, mostram-se de relevância influência e necessária atenção.

Tão evidente quanto isso é a urgência de políticas públicas efetivas voltadas para a preservação da saúde mental, bem como de assistência especializada e direcionada para os adolescentes que estejam em sofrimento. A presença de psicólogas nas escolas, abordando temáticas voltadas a saúde mental, e realizando a triagem dos adolescentes que apresentam a necessidade de receberem tratamento psicoterapêutico, é emergente.

Para além disso, também se identificam demandas por políticas públicas capazes de mitigar os potenciais fatores de risco para o surgimento de TMCs, tais como a violência doméstica, violência familiar/intergeracional, *bullying*, e a falta de qualidade de vida.

É urgente que a rede de garantia de direitos da criança e do adolescente volte-se para esta temática.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artmed, 1981.

ANSOLIN, Alana G. A. *et al.* **Prevalência de Transtornos Mentais Comuns Entre Estudantes de Psicologia e Enfermagem**. Arquivos Ciência e Saúde.

[Toledo]: v. 22, n. 3, p. 42- 45, out. 2015. Disponível em: <http://www.cienciasdasaude.famerp.br/index.php/racs/article/view/83>. Acesso em: 14 jun. 2020.

CARVALHO, Priscila Diniz de et. al. Prevalência e fatores associados a indicadores negativos de saúde mental em adolescentes estudantes do ensino médio em Pernambuco, Brasil. **Rev. Bras. Saúde Matern. Infant.**, Recife, 11 (3): 227-238 jul. / set., 2011. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/VFs3xHTKHYL58GhfjX9ZMnG/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 14 jun. 2020.

FONSECA, Maria Liana Gesteira; GUIMARÃES, Maria Beatriz Lisboa; VASCONCELOS, Eduardo Meurão. **Sofrimento difuso e transtornos mentais comuns**: uma revisão bibliográfica. Revista APS. v. 11, n. 3, p.285-294, jul./set. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/14269>. Acesso em: -4 jan. 2022.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. 20. ed. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1999.

LOPES, Claudia S. *et al.* **Erica: prevalência de transtornos mentais comuns em adolescentes brasileiros**. Revista de Saúde Pública. São Paulo: 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/rsp/article/view/114205/112126>. Acesso em: 8 out. 2019.

MARRIEL, Lucimar Câmara; *et al.* **Violência escolar e Auto-Estima de Adolescentes**. Cadernos de Pesquisa. Rio de Janeiro, v.36, n. 127, p. 35-50, jan./abr. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742006000100003&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em: 8 out. 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

NJAINÉ, Kathie. MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência na escola**: identificando pistas para a prevenção. Revista Interface, Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu: v.7, n. 13, p. 119-134, ago. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/icse/v7n13/v7n13a08.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **1 em cada 5 adolescentes enfrenta problemas em saúde mental**. [S. l.] OMS out. 2018. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/oms-1-em-cada-5-adolescentes-enfrenta-problemas-de-saude-mental/>. Acesso em: 9 out. 2019.

PRATTA, Elisângela Maria Machado; SANTOS, Manoel Antonio dos. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 247-256, maio/ago. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/3sGdvzqtVmGB3nMgCQDVBgL/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 07 Jan 2021.

ROSA, Carlos Mendes. Por uma Psicoterapia Psicanalítica de Grupo. **Revista Polemica**. Rio de Janeiro: v.10, n.4, p. 575-596, out./dez. 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/2974>. Acesso em: 9 out. 2019.

SANTOS, Amanda Albino dos; et al. **Automutilação na adolescência**: compreendendo suas causas e consequências. *Revista Temas em Saúde*. João Pessoa: v. 18, n. 3, p. 120-147, 2018. Disponível em: <https://temasemsaude.com/wp-content/uploads/2018/09/18308.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2022.

SANTOS, Kionna Oliveira Bernardes; ARAÚJO, Tânia Maria de; OLIVEIRA, Nelson Fernandes de. **Estrutura fatorial e consistência interna do Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20)** em população urbana. *Cadernos de saúde pública*. Rio de Janeiro: v.25, n.1, mai. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csp/2009.v25n1/214-222/pt/>. Acesso em: 08 abr. 2019.

SCHIRMANN, Jeisy Keli et al. **Fases de desenvolvimento humano segundo jean piaget**. Anais VI CONEDU – Congresso Nacional de Educação. Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/60497>>. Acesso em: 04 jan. 2022.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Autolesão na adolescência**: como avaliar e tratar. *S. I.* jul. 2019. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/departamentos-cientificos/adolescencia/manuais/>. Acesso em: 04 jan. 2022.

SOUZA, Léila Castro de. **Quando o bullying nas escolas afeta a vida adulta**. *Revistas Associação Brasileira de psicopedagogia*. v. 36, n. 110, p. 153-162, 2019. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/revistapsicopedagogia.com.br/pdf/v36n110a04.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2022.

TARDIVO, Leila Salomão de La Plata Cury; et al. **Autolesão em adolescentes, depressão e ansiedade**: um estudo compreensivo. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*. São Paulo: v. 39, n. 97, p. 157-169, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2019000200002. Acesso em: 05 jan. 2022.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adoecimento 46, 47, 65, 85, 89, 176, 177, 178, 183, 187

Adoecimento psíquico 46, 47, 65

Adolescentes 7, 8, 9, 10, 12, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 59, 65, 68, 98, 99, 103, 145, 202

Aprendizagem 9, 22, 23, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 84, 89, 189, 191, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201

Atuação dos Psicólogos no CAPS-AD 155

Autocuidado 56, 60, 66, 117, 118

B

Bullying 40, 46, 47, 51, 53, 54, 97

C

Clínica psicológica 176, 177, 178, 184, 185

Competências 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 57, 89, 93, 123, 125, 129

Conversação 7, 10, 11, 12

D

Dependência química 155, 168, 169, 170, 172

E

Embodiment 18, 19, 26, 27

Emoções 20, 21, 23, 24, 29, 31, 32, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 83, 84, 88

Enfoque centrado en soluciones 95

Entrevista motivacional 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175

Escola 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 32, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 51, 52, 53, 123, 125, 146, 147, 149, 156, 189, 190, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202

Escuta 7, 9, 10, 15, 16, 27, 171, 177, 179, 180, 186

F

Família 9, 37, 42, 44, 46, 48, 50, 52, 54, 62, 63, 64, 65, 68, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 149, 156, 159, 163, 170, 172, 173, 174, 183, 186, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 196, 198, 199, 200, 201

Finitude 176, 177, 179, 186

Formação profissional 70, 131, 132, 133, 136

G

Gestão em Saúde Mental 155

I

Inconsciente 1, 2, 4, 5, 10, 12, 15, 21, 24, 52, 83, 84, 85, 203

Interés por la carrera científica 70, 72, 75

Intervenção psicológica 60

L

Lacan 1, 2, 3, 4, 5, 6, 13, 15, 16

Literatura 60, 67, 94, 124, 144, 165

M

Memória 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 28, 30, 83, 148, 173, 195, 196

Morrer 176, 180, 186

Movimentos sociais 144, 145, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 154

Mudança 12, 21, 28, 67, 68, 123, 124, 125, 128, 129, 149, 164, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 189

O

O novo 7, 9, 10, 22

P

Pedagogía crítica 70, 73, 75, 78, 79

Pedagogía feminista 70, 72, 74, 76, 79

Políticas públicas 5, 51, 52, 53, 60, 78, 151, 153, 155, 156, 157, 160, 162, 166, 168, 174, 187

Práctica docente 70, 72, 74

Psicanálise 2, 3, 4, 5, 7, 9, 12, 14, 15, 16, 92, 203

Psicología positiva 95, 96, 103

Psicologia social 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 154

R

Rede secundária 123, 124, 128, 129, 130

Relações abusivas 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69

Relações de poder 60, 63, 64, 65, 152

Rezago universitario 131

S

Saúde pública 53, 54, 94, 155, 159, 160, 168, 169, 174

Sessão única 95, 102

Suicídio 95, 96, 97, 98, 99, 100, 103, 104

Sujeito 1, 2, 4, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 19, 20, 33, 57, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 88, 145, 148, 152, 159, 168, 172, 174, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187

T

Terapia cognitivo comportamental 55, 58, 60, 80, 81, 83, 88, 89, 92

Terapia familiar 108, 109, 110, 113, 116, 117, 121, 123, 124, 125, 130

Transtorno de ansiedade social 55, 56, 58, 59

Transtornos mentais comuns 46, 47, 53

Tratamento 18, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 49, 52, 55, 57, 58, 59, 80, 81, 83, 84, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 158, 160, 163, 165, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 179, 180, 184, 185, 186, 192, 196, 198

Trauma 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31

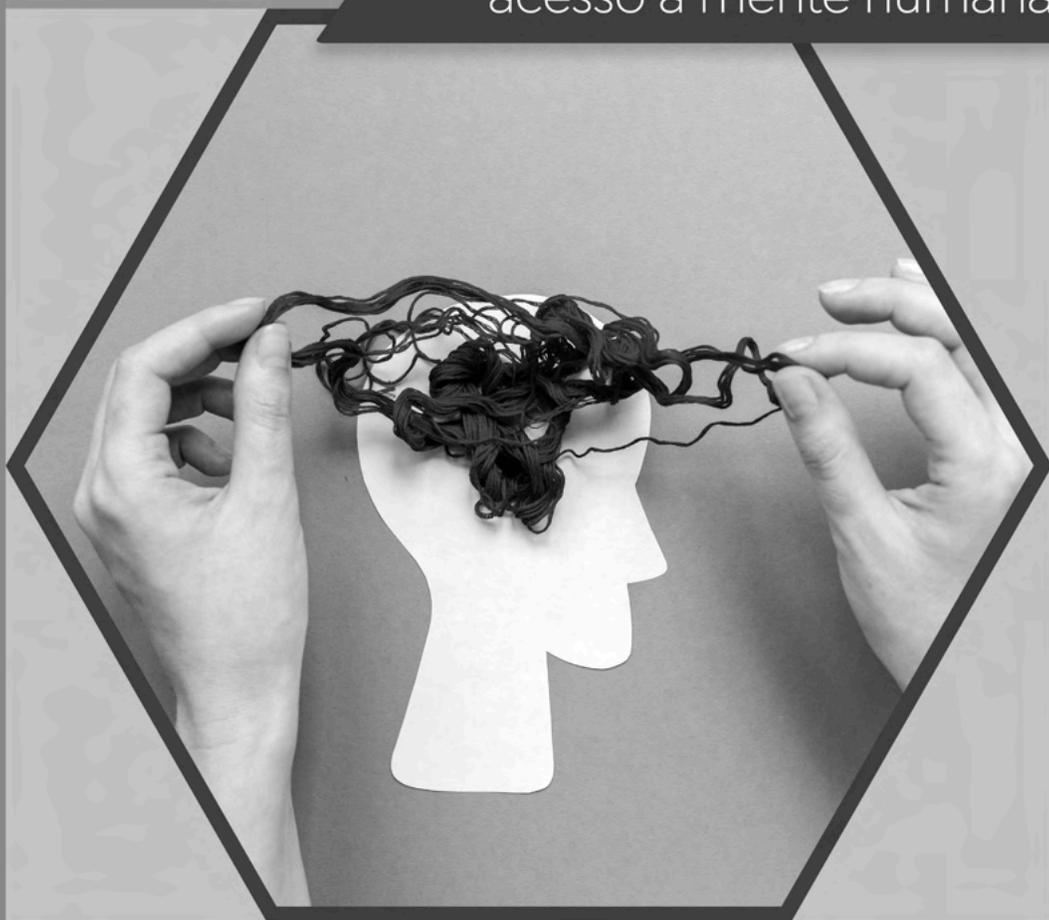
Tutorias 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 143

V

Violência 9, 14, 40, 43, 50, 53, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 124, 129, 158

Psicologia:

Técnicas e instrumentos de
acesso à mente humana



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2022

Psicologia:

Técnicas e instrumentos de
acesso à mente humana



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2022